

# LEITURA COMPARTILHADA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA DIÁRIA EM SALA DE AULA DO PROEJA

**Magda Renata Marques DINIZ (1); Ana Priscila GRINER (2); Maria da Penha Casado ALVES (3); Leonardo Moraes de CAMPOS (4); Lidiane Cristina de SOUZA (5); Katiany da Silva SOUZA (6); Lúcio Bastos MADEIROS (7)**

(1) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas – IFAL, Rua Lourival Alfredo, 176, Poeira, Marechal Deodoro-AL, CEP: 57160-000, [magda.diniz@ifal.edu.br](mailto:magda.diniz@ifal.edu.br)

(2) Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Rua João Alves Flor, 3711, Candelária, Natal-RN, CEP: 59066-120, [prisgriner@gmail.com](mailto:prisgriner@gmail.com)

(3) Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Caixa Postal 1524, Campus Universitário, Lagoa Nova, Natal-RN, CEP: 59072-970, [penhalves@msn.com](mailto:penhalves@msn.com)

(4) Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN, Rua São Braz, 304, Bairro Paraíso, Santa Cruz-RN, CEP: 59200-000, [leonardo\\_lmc@hotmail.com](mailto:leonardo_lmc@hotmail.com)

(5) Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Gr. Totoró, s/n, Currais Novos-RN, CEP: 59380-000, [lid.cris@hotmail.com](mailto:lid.cris@hotmail.com)

(6) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas – IFAL, Rua Lourival Alfredo, 176, Poeira, Marechal Deodoro-AL, CEP: 57160-000, [katiany.souza@gmail.com](mailto:katiany.souza@gmail.com)

(7) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFAL, Rua Lourival Alfredo, 176, Poeira, Marechal Deodoro-AL, CEP: 57160-000, [lucioagron@gmail.com](mailto:lucioagron@gmail.com)

## RESUMO

Tanto as aulas de Língua Portuguesa (LP), nas últimas duas décadas, como as práticas de leitura e escrita em sala de aula passaram por inúmeras reflexões em se tratando do que é mais significativo para o sujeito que aprende. Nesse contexto, pensar atividades de LP remete à investigação de qual forma é mais didática para assegurar, ao final, melhor apropriação dos discentes em relação à importância dos conteúdos e sua significação. Com esse enfoque, tem-se o objetivo de estimular no aluno a capacidade de leitura oralizada e intertextualizada, apresentando-lhe algumas formas de interpretar e apresentar um texto literário ou não-literário na sala de aula diariamente. Para isso, a proposta de Leitura Compartilhada, estruturada em sala de aula do PROEJA, aparece como forma de oferecer não só aos alunos da mesma sala como também aos outros alunos da escola ou comunidade que frequentam o ambiente um momento para praticarem capacidades leitoras sobre diversos assuntos.

**Palavras-chave:** leitura, oralidade, gêneros discursivos.

## 1 INTRODUÇÃO

Necessidade de criações de objetos escolares para um ensino-aprendizagem de maneira mais eficaz é de fundamental importância para um professor atualmente. Em especial, quando se trata das aulas de Língua Portuguesa (LP) para a clientela com a qual trabalhamos, jovens e adultos. Elas além de passarem por refinadas variações em se tratando de ensino, reviram a questão do currículo e dos procedimentos metodológico e avaliativo nas duas últimas décadas.

Nesse contexto, acreditamos que o espaço gerado, pelo docente, tenda a proporcionar conteúdos mais significativos aos discentes perante os textos ouvidos e lidos, seja em que linguagem estiver. Neste objetivo, as competências necessárias à leitura e à produção de textos serão estimuladas como também os questionamentos de “dentro para fora” e de “fora para dentro” acerca de assuntos de utilidade pública serão socializados.

Pensando em uma prática pedagógica diária e estimulante, entendemos que o trabalho com a Leitura Compartilhada (LC), no qual os alunos são incentivados a socializar ou a criar textos para seus colegas de classe, de gosto particular e de interesse social, é uma das alternativas viáveis para que as aulas sejam mais agradáveis.

Por ser um grupo que carece de uma atenção especial quanto à oralidade, pois estava fora da sala de aula há anos, o docente deve estar mais próximo ainda desse grupo, dessa realidade e atento a ela. Estímulos gráficos, leituras com outras disciplinas devem estar em íntimo contato, no intuito de (re)despertar o gosto leitor e criador de textos; de certa forma, uma retomada de muita coisa do que já aprenderam.

## 2 METODOLOGIA

A disciplina de Língua Portuguesa norteou esta pesquisa de Leitura Compartilhada em 2009 e 2010 no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), *Campus Santa Cruz*, e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas (IFAL), *Campus Marechal Deodoro*, em duas salas no primeiro ano; e nove no segundo. Os cursos pesquisados foram três: *Informática - Refrigeração e Climatização - e Hospedagem*.

No início da aula, e em particulares dias no término da aula, os alunos apresentavam-se diante de sua turma com os textos, especificando o gênero, a sequência textual, o suporte, a temática, o produtor, o público alvo, entre outros. Conceitos que foram desenvolvidos ao longo dos estudos. À medida que iam sendo assimilados, a socialização da LC ficava mais informativa. Para Alves (2009),

Talvez seja mais informativo e produtivo para os alunos saberem o gênero, sua esfera de circulação, a intenção comunicativa que lhe é própria, as marcas de autoria, seu estilo, sua composição e temática mais recorrentes do que simplesmente que é um ‘texto’ sem qualquer alusão a sua história.

Ademais, passa-se mais conhecimento de mundo ao discente quando se apresenta o motivo daquela escolha, mesmo que não seja um gênero dos mais completos e estruturados.

Retomando ao começo do trabalho, o docente fazia todas as intervenções em sala de aula, três vezes por semana, por um mês, aproximadamente. Nesta seleção, estavam os textos pertencentes a diversos gêneros discursivos, tais como: poemas, crônicas, contos, fábulas, vídeos publicitários, piadas (ouvidas por meio de cd), enfim, textos situados, autorais, históricos e representativos das diferentes interações no mundo da vida.

Após essa etapa, o professor selecionou alguns alunos, os quais não apresentavam inibição aparente em termos de socialização, e solicitou que por ordem preestabelecida fizessem leitura na aula seguinte. Mas antes de ler o material, esse discente enviava por e-mail ou entregava o material em mão ao professor antes de fazer a leitura. Quanto aos alunos introvertidos, no decorrer das apresentações dos colegas, iam se voluntariando para fazerem também suas participações.

Isso leva a inteira relação de que “todas as atividades essenciais e fundamentais do homem são provocadas pelos estímulos sociais em um ambiente social.” (BAKHTIN, 2010).

Nos relatos seguintes, alunos descrevem como veem essa prática:

### **Relato 1**

*A atividade consistia em um incentivo à leitura; na qual os alunos escolhiam algo que lhes era de interesse para ler (...), preparavam observações e compartilhavam com os colegas de sala. Em cada aula, eram especificados os alunos que ficariam responsáveis de partilhar sua leitura na aula posterior. Era um exercício interessante, pois trazia tanto uma oportunidade de dividir com os colegas algo que chamou minha atenção quanto poderia despertar o interesse dos demais em conhecer um pouco de meu assunto. Além disso, incita uma melhor fluência em público, fazendo com que o aluno perca a timidez.*

*Considero um aprendizado adequado para nós, alunos do PROEJA, uma vez que se está voltando para a sala de aula e, na maioria dos casos, não se possui a prática da leitura. Acredito que os professores deveriam usar em sala de aula métodos como esse, por ser uma forma de interagir, aperfeiçoar a interpretação de texto, aumentar o interesse do aluno pela disciplina e estimular a participação, tornando a aula mais participativa.*

(Aluna Lidiane Cristina de Souza – IFRN, PROEJA 2009).

### **Relato 2**

*A Leitura Compartilhada foi uma experiência nova para mim (...). Este projeto me ajudou a ter mais interesse pela leitura e produção textual. Me ajudou também a diminuir a timidez lá pra frente da sala. Me lembro quando fiz minha primeira leitura compartilhada. Era um poema que falava sobre a diferença entre o amor e a amizade (...). Eu estava um pouco tenso, mas, conforme fui lendo, a tensão foi diminuindo. Ao término da leitura, percebi que não existiam mais motivos para isso, pois estava entre os colegas de todos os dias (...). Após essa experiência, não tenho mais essa preocupação (...).*

(Aluno Leonardo Moraes de Campos – IFRN, PROEJA 2010).

### **Relato 3**

*Escolhi socializar um livro que já tinha lido (...). Foi bem fácil, pois já conhecia o livro. Acho que depois disso alguns colegas vão querer ler.*

(Aluna Katiany da Silva Souza – IFAL, PROEJA 2010).

Ressalva-se, neste trabalho, a leitura como algo introdutor de contato, de externalizar algo prazeroso para suscitar uma conversa; não tendo a obrigatoriedade de ter a ver com o conteúdo a ser ministrado na aula de LP; mas enquanto instrumento de subjetividade desencadeador de oralidade e de outras leituras, justifica-se como prática a ser realizada. De acordo com Schneuwly e Dolz,

O aluno encontra-se, necessariamente, num espaço do “como se”, em que o gênero funda uma prática de linguagem que é, necessariamente, em parte, fictícia, uma vez que ela é instaurada com fins de aprendizagem. Podem-se distinguir, ao menos, três maneiras de abordar o ensino da escrita e da palavra, todas tendo em comum o fato de colocarem de forma central o problema do gênero como objeto e as relações complexas que o ligam às práticas de referência. (2005).

Para Bakhtin (2010), os sujeitos se constituem nas interações que estabelecem com os outros, apropriando-se da linguagem e tornando-a significativa através dos recursos expressivos por eles usados. Assim, a construção de sentidos nos processos intersubjetivos envolve um trabalho “sem-fim”, na medida em que os recursos linguísticos carregam as marcas da história e da vida social. Nessa perspectiva, portanto, os discursos e os sujeitos são produtos sócio-históricos com e na linguagem.

A forma de socializar passou por alguns “suportes”: papel A4, panfleto, através de projetor multimídia, som; porém a mais comum era a primeira opção. Assim, os materiais foram afixados na parede da sala de aula após as leituras dia a dia (ver Figura 1).



**Figura 1 – Leitura Compartilhada na sala de aula**

Vale salientar a questão das ausências – faltar no dia agendado –, outro aluno substituíu ou o próprio docente fazia uma leitura. Havia a programação de leituras-reservas, tanto para os alunos como para o docente.

Por fim, no primeiro dia de aula do semestre seguinte, os materiais produzidos pelos discentes foram recolhidos e entregues aos alunos que socializaram ou aos que se interessaram para receber aquele material.

Conforme a autora Antunes (2009), ouvir os outros, ler o que os interlocutores escrevem são atividades que mobilizam esse saber partilhado. Dessa forma, o material linguístico socializado juntar-se-á ao conhecimento preexistente, gerando um acréscimo de informação, e as relações com os intertextos estarão mais abertas no momento das aulas, das intervenções. Sendo assim, uma negação ao Censo Educacional, a partir da década de 40, que constava como alfabetizado o cidadão que sabia assinar o nome quando requisitado. Hoje, nos deparamos com jovens e adultos motivados e instigados não para comandos prontos, mas sim que tenham atitudes de entender o texto/o contexto e avaliar o quão é importante sua interação naquela determinada situação.

### **3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Antes de tudo, ressalva-se a contribuição que Paulo Freire (2005) trouxe sobre a temática de a educação tornar-se significativa quando se parte da realidade dos sujeitos envolvidos no processo. E assim, nada melhor do que trazer a vivência dos alunos do PROEJA para ser vista, revista, avaliada aos olhos da sala. Não é o professor que veta, que critica, e sim o discente que se avalia perante a turma.

Nesse enfoque, outro pesquisador, Mikhail Bakhtin, também fortalece tal trabalho quando afirma que o sujeito se faz na linguagem a partir de sua inserção na vida social. Nesse sentido, vale ressaltar que não há enunciação fora de uma cadeia de comunicação verbal, assim como não há existência humana fora desse diálogo incessante com o mundo e com os outros. Desse modo, o ser, para Bakhtin, funda-se mediante o outro. Não há como existir na categoria do “eu-para-mim”, na dimensão do sujeito encerrado em si mesmo. “O que o outro supera e rejeita em si mesmo como um dado nocivo eu aceito e perdoo nele como a carne preciosa do outro” (BAKHTIN, p.52). O sentido plural de ser humano está no entendimento de como cada um representa-se para o outro. Identificar-se com o outro, ver o mundo pelos olhos do outro e segundo seus valores; colocar-se no lugar do outro, sem deixar de retomar ao eu com o intuito de dar ao outro seu acabamento, de completar-lhe o horizonte; tudo isso nos remete à alteridade como condição indispensável para a constituição da subjetividade. É a partir do outro que (...) tentamos dar-nos vida e forma (idem, 2010, p. 52).

Retomando Freire (1983, p. 11-12), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra. [...] Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.” Assim, não basta apenas decodificar a palavra por si só; ela precisa realmente ser entendida; e o cidadão precisa estar ciente dos prós e contras ao aceitá-la. Principalmente, quando o trabalho trata-se da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em que o resgate do

“tempo perdido” é intenso. No processo ensino-aprendizagem, que se têm claros os objetivos aonde se quer chegar, um elemento fundamental é mostrar-se primeiramente.

Há duas décadas, percebia-se ainda, como prática escolar, que o ensino de LP detinha-se às abordagens gramaticais. Isso fazia com que o sujeito que aprendia estivesse inteiramente direcionado a um modo, apenas, de partida, a uma só forma de poder aprender.

A fim de distorcer isso, não só vemos um estudo bakhtiniano por trás dessa pesquisa, no que concerne à interação, quando se diz que é através das relações sociais que o homem interioriza as formas de funcionamento psicológico estabelecidas culturalmente. A cultura é um palco de negociações, onde todos os elementos são carregados de significação e os membros estão em constante recriação e reinterpretação de informações, conceitos e significados. Portanto, é nas relações sociais que exercemos nossas maiores relações de interação.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa, buscou-se sistematizar leituras aprazíveis, no campo literário e não-literário, e que as aulas não fossem, depois de um “boa noite”, direto ao conteúdo a ser ministrado, mas sim uma integração entre a LP, com proposta pedagógica, e o sujeito da EJA.

Os pontos fortes visivelmente encontrados neste trabalho foram: melhorias significativas na capacidade de leitura e criação de texto por parte dos alunos; maior interesse na produção textual e pela leitura; melhor compreensão dos textos; boa fixação dos assuntos – sequência, gênero, suporte textual bem como percepção de postura corporal e vocal quando se está diante de um público. Entretanto, não houve um gênero discursivo predominante nos textos apresentados nas turmas pesquisadas. Com relação às temáticas que mais apareceram e suscitavam mais interesse foram: amor, amizade, felicidade. Acreditamos que isso tenha sido o ponto fraco em relação à pesquisa; pois a exposição de diversos temas e gêneros ficou aquém do esperado por mais que houvesse instigação à mudança de temas. Os supracitados eram sempre retomados; eram os prediletos. O importante é que, ao final, a leitura está viva na sala de aula, permanente, lançada de forma prazerosa, feita espontaneamente pelos sujeitos participantes do processo.

Um adendo quanto aos recursos tecnológicos usados nas LCs e nas aulas, eles promovem maior interesse frente aos expectadores.

Não devendo esquecer que uma aula dialogada, principalmente diante de um PROEJA, poderá refletir em atividades multiplicadoras de textos, ou seja, o discente se sente à vontade em falar sobre textos lidos e/ou ouvidos em sala de aula para outras pessoas da comunidade, para pessoas da própria casa; talvez a conquista tenha se dado pela forma como o professor ou o colega da sala contou, interpretou. Assim, esse aluno-cidadão, aliado à oralidade rotineira, participará de maneira mais ativa na sociedade letrada em que se insere, tornando-se além de produtor e leitor, um crítico daquilo que lê e socializa, compreende as ações do entender o que ler e age eficazmente com a linguagem.

Não distante dessa metodologia adotada pelo docente, pode surgir ao término do plano de ensino um sarau literário – outro gênero discursivo da oralidade – como forma de expandir para toda a escola os melhores textos das LCs; além de haver interdisciplinaridade por meio desse evento.

#### REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: Informação e documentação: Referências: Elaboração. Rio de Janeiro, 2002a.

\_\_\_\_\_. **NBR10520**: Informação e documentação: Citações em documentos: Apresentação. Rio de Janeiro, 2002b.

ALVES, Maria da Penha Casado (Autor); VI Selimel, UFCG, agosto de 2009. **Gêneros Discursivos e o Cronotopo da sala de aula**.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. (Estratégias de Ensino; 5).

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. p.44-56.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1983. (Coleção Polêmicas do nosso tempo).

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 43 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado das letras, 2005.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos aos professores Dr<sup>a</sup>. Maria da Penha Casado Alves e Dr. Lúcio Bastos Madeiros pelos envios das instruções de elaboração desse artigo para o CONNEPI 2010, bem como aos relatos dos alunos do PROEJA Leonardo Moraes de Campos e Lidiane Cristina de Souza, IFRN – *Campus* Santa Cruz, e Katiany da Silva Souza, IFAL – *Campus* Marechal Deodoro.